

TOM ROB SMITH

A FAZENDA

Tradução de
JANAÍNA MARCOANTONIO

1ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

ATÉ AQUELE TELEFONEMA, fora um dia como outro qualquer. Carregado de compras, eu estava voltando para casa por Bermondsey, um bairro de Londres, logo ao sul do rio. Era uma noite asfíxiante de agosto. Quando o celular tocou, pensei em ignorá-lo, louco para chegar em casa e tomar uma ducha. A curiosidade me venceu e por isso desacelerei, tirando o celular do bolso, pressionando-o contra a orelha — o suor pingando na tela. Era meu pai. Ele tinha acabado de se mudar para a Suécia e aquela chamada era pouco usual; ele raramente usava o celular, e ligar para Londres era caro. Meu pai estava chorando. Eu parei abruptamente, derrubando a sacola de compras. Era a primeira vez que eu o ouvia chorar. Meus pais sempre tomaram cuidado para não discutir nem perder a calma na minha frente. Em nossa casa, não havia discussões furiosas ou brigas chorosas. Falei:

— Pai?

— Sua mãe... Ela não está bem.

— A mamãe está doente?

— É tão triste.

— Triste porque ela está doente? Doente como? O que ela tem?

Meu pai continuava chorando. Tudo o que eu pude fazer foi esperar em silêncio, até que ele falou:

— Ela anda imaginando coisas — coisas terríveis.

Aquela referência à imaginação da minha mãe, em vez de a algum mal físico, foi tão estranha e surpreendente que eu me agachei, apoiando a mão sobre o concreto quente e rachado da calçada, observando uma

mancha de molho vermelho vazando pelo fundo da sacola que eu tinha derrubado. Finalmente, perguntei:

— Há quanto tempo?

— Desde o começo do verão.

Meses, e eu não sabia — eu estivera aqui, em Londres, sem saber de nada, meu pai mantendo a tradição de ocultar as coisas. Adivinhando meus pensamentos, ele acrescentou:

— Eu tinha certeza de que poderia ajudá-la. Talvez eu tenha esperado tempo demais, mas os sintomas surgiram aos poucos — ansiedade e comentários estranhos, qualquer pessoa pode ter isso. Depois vieram as alegações. Ela afirma que tem provas, fala sobre evidências e suspeitos, mas são mentiras e coisas sem sentido.

Meu pai agora falava mais alto, destemido, enfático, já não chorava. Recobrou a fluência. Em sua voz havia mais do que tristeza.

— Eu tinha esperança de que passasse, ou de que ela só precisasse de um tempo para se adaptar à vida na Suécia, numa fazenda. Só que ficou cada vez pior. E agora...

Meus pais eram de uma geração que não ia ao médico a não ser que houvesse alguma lesão que se pudesse ver com os próprios olhos ou sentir com os dedos. Incomodar um estranho com os detalhes íntimos de sua vida era inconcebível.

— Pai, me diga que ela foi a um médico.

— Ele diz que ela está tendo um surto psicótico. Daniel...

Minha mãe e meu pai eram as únicas pessoas no mundo que não abreviavam meu nome para Dan.

— Sua mãe está no hospital. Ela foi internada.

Eu ouvi essa última notícia e abri a boca para falar sem a menor ideia do que dizer, talvez só para exclamar, mas acabei não dizendo nada.

— Daniel?

— Oi.

— Você ouviu?

— Ouvi.

*

Um carro amassado passou por mim, desacelerando para me observar, mas não parou. Olhei para o relógio. Eram oito da noite, e havia poucas chances de conseguir um voo ainda naquela noite — eu viajaria na manhã seguinte. Em vez de ficar emotivo, tratei de ser eficiente. Conversamos por mais alguns instantes. Após o cataclismo dos primeiros minutos, nós dois estávamos voltando ao normal — controlados e comedidos. Falei:

— Vou reservar uma passagem para amanhã de manhã. Assim que eu fizer isso, ligo de volta. Você está na fazenda? Ou no hospital?

Ele estava na fazenda.

Quando a chamada terminou, vasculhei a sacola de compras, tirando cada item, enfileirando-os na calçada, até que encontrei o frasco quebrado de molho de tomate; removi-o com cuidado, os pedaços de vidro mantidos no lugar apenas pelo rótulo da embalagem. Descartei o vidro em uma lixeira que havia por perto e retornei às minhas compras esparramadas, usando guardanapos de papel para limpar o excesso de molho, e talvez isso pareça desnecessário — que se dane a sacola, minha mãe está doente —, mas o frasco poderia ter se quebrado por completo, espalhando molho de tomate em tudo, e de todo modo havia conforto na simplicidade trivial da tarefa. Levantei a sacola e, acelerando o passo, cheguei em casa, no último andar de uma antiga fábrica, hoje um conjunto de apartamentos. Fiquei parado sob a ducha fria e considerei chorar — eu não deveria chorar?, perguntei a mim mesmo, como se fosse o mesmo que decidir se deveria fumar um cigarro. Não era meu dever como filho? Chorar deveria ser instintivo. Mas antes de mostrar emoção eu me detenho. Diante de estranhos, sou cauteloso. Neste caso, não era cautela — era descrença. Eu não podia associar uma resposta emocional a uma situação que não compreendia. Eu não iria chorar. Havia demasiadas perguntas sem resposta para chorar.

Depois do banho, sentei à frente do computador estudando os e-mails enviados pela minha mãe ao longo dos últimos cinco meses, pergun-

tando-me se haveria alguma pista que tivesse passado despercebida por mim. Eu não via meus pais desde que eles se mudaram para a Suécia, em abril. Em sua festa de despedida da Inglaterra, brindamos por seu retiro tranquilo. Todos os convidados se reuniram do lado de fora de sua antiga casa e acenaram adeuses carinhosos. Eu não tenho irmãos nem irmãs, não há tios nem tias; quando falo sobre a família me refiro a nós três — minha mãe, meu pai e eu —, um triângulo, como um fragmento de uma constelação, três estrelas brilhantes reunidas, com um monte de espaço vazio à nossa volta. A ausência de parentes nunca fora discutida em detalhe. Havia pistas — meus pais tiveram uma infância difícil, apartada de seus próprios pais, e eu tinha certeza de que o voto de nunca discutir na minha frente surgiu de um forte desejo de me proporcionar uma infância diferente da deles. A motivação não era o caráter reservado dos britânicos. Eles nunca mesquinharam amor ou felicidade — isso eles expressavam em cada oportunidade. Se o momento era bom, eles celebravam; se não era tão bom, mostravam otimismo. É por isso que algumas pessoas acham que eu fui superprotegido — eu só vi os bons momentos. Os maus momentos eram ocultados. Eu era cúmplice no acordo. Não sondava. Aquela festa de despedida fora um bom momento, a multidão celebrando quando minha mãe e meu pai partiram, embarcando em uma grande aventura, minha mãe regressando ao país de onde saíra quando tinha apenas 16 anos.

Logo depois de chegarem à fazenda remota, situada no extremo sul da Suécia, minha mãe escrevera regularmente. Os e-mails descreviam as maravilhas da vida na fazenda, a beleza da paisagem rural, a cordialidade do povo local. Se havia alguma pista de algo errado, era muito sutil, e eu não captei. Seus e-mails se tornaram mais curtos com o passar das semanas, e as linhas expressando admiração eram cada vez mais breves. Na minha cabeça, eu interpretara isso como algo positivo. Provavelmente minha mãe se sentia em casa outra vez e já não tinha tempo livre. Seu último e-mail chamou minha atenção:

Daniel!

Nada mais, apenas meu nome, um ponto de exclamação — minha reação fora enviar uma resposta instantânea dizendo que tinha ocorrido uma falha, que seu e-mail não havia chegado completo e se ela poderia por favor reenviá-lo, imaginando que tinha havido algum erro, jamais considerando a possibilidade de que o e-mail tivesse sido enviado às pressas em um momento de desespero.

Verifiquei toda a correspondência, perturbado pela noção de que eu tivesse sido cego e preocupado com o que mais teria negligenciado. Entretanto, não havia sinais intrigantes, nem voos de imaginação desconcertantes; seu estilo de escrita permanecia regular, quase sempre em inglês, pois, infelizmente, esqueci grande parte do sueco que ela havia me ensinado quando eu era criança. Um e-mail continha dois grandes anexos — fotografias. Devo tê-las visto antes, mas agora existia um branco em minha mente. A primeira apareceu na tela — um celeiro sombrio com um teto de aço enferrujado, um céu cinza, um trator estacionado do lado de fora. Dando zoom no vidro da cabana, vi um reflexo parcial da fotógrafa — minha mãe —, seu rosto obscurecido pelo flash, parecendo que sua cabeça havia explodido em pontos brilhantes de luz branca. A segunda mostrava meu pai do lado de fora da casa, conversando com um homem alto. A fotografia parecia ter sido tirada sem que meu pai soubesse. À distância, era mais como uma fotografia de vigilância do que um retrato de família. Nenhuma das duas condizia com descrições de grande beleza, embora, é claro, eu não tenha questionado isso, respondendo que estava louco para visitar a fazenda. Era mentira. Eu não estava ansioso pela visita e já tinha adiado várias vezes, do começo para o fim do verão e então para o início do outono, oferecendo meias-verdades vagas como explicação.

A verdadeira razão para a demora era que eu estava assustado. Eu não tinha contado para os meus pais que morava com meu companheiro e

que nós estávamos juntos havia três anos. A fraude era tão antiga que me convenci de que não poderia revelá-la sem arruinar minha família. Eu saía com garotas na época da faculdade, meus pais preparavam jantar para essas meninas e demonstravam alegria por minhas escolhas — elas eram bonitas, alegres e inteligentes. Mas meu coração não acelerava quando elas tiravam a roupa, e durante o sexo eu exibía uma concentração profissional diante da tarefa em mãos, uma crença de que proporcionar prazer significava que eu não era gay. Foi só quando fui morar longe de casa que aceitei a verdade, contando a meus amigos, mas excluindo meu pai e minha mãe, não por vergonha, e sim por covardia bem-intencionada. Eu estava morrendo de medo de destruir a memória da minha infância. Meus pais fizeram tudo o que estava ao alcance deles para criar um lar feliz. Fizeram sacrifícios, fizeram um voto solene de tranquilidade, juraram proporcionar um santuário livre de trauma e nunca cometeram um deslize, nem mesmo uma vez, e eu os amava por isso. Ao ouvir a verdade, eles certamente concluiriam que haviam falhado. Pensariam em todas as mentiras que eu devo ter dito; iam me imaginar solitário e atormentado, ameaçado e ridicularizado, quando nada disso era verdade. A adolescência fora fácil para mim. Minha jornada da adolescência à vida adulta fora alegre e confiante — meu cabelo loiro claro perdendo apenas um pouco do brilho, meus olhos azul-claros sempre brilhando — e, com a boa aparência, veio a popularidade imerecida. Vivi aqueles anos sem atropelos. Até mesmo meu segredo eu guardei com leveza. Não me deixava triste. Eu só não pensava muito a respeito. No fim das contas, tudo se resumia a isto: eu não podia suportar a ideia dos meus pais se perguntando se alguma vez eu duvidei do amor deles. Parecia injusto com eles. Eu podia me ouvir dizendo em uma voz desesperada, sem acreditar em minhas próprias palavras:

— Isso não muda nada!

Eu tinha certeza de que eles receberiam meu companheiro de braços abertos, celebrariam nossa relação como celebravam tudo, mas

ainda restaria um vestígio de tristeza. A memória de uma infância perfeita morreria, e nós a choraríamos como choraríamos a morte de um ente querido. Então, a verdadeira razão pela qual adiei minha visita à Suécia era que eu tinha prometido ao meu companheiro que esta seria a oportunidade em que eu contaria a verdade aos meus pais, quando, finalmente, depois de todos esses anos, eu revelaria a eles o seu nome.

Quando chegou naquela noite, Mark me encontrou no computador procurando voos para a Suécia e, antes que eu pudesse dizer uma palavra, ele sorriu, presumindo que as mentiras haviam chegado ao fim. Fui lento demais para me antecipar ao engano e, em vez disso, fui forçado a corrigi-lo, adotando o eufemismo do meu pai:

— Minha mãe está doente.

Foi doloroso ver Mark se adaptar, escondendo a decepção. Ele era 11 anos mais velho que eu, tinha acabado de fazer 40 anos, e este apartamento era dele, resultado de sua bem-sucedida carreira como advogado corporativo. Eu fazia o melhor que podia para exercer um papel equivalente no relacionamento, fazendo questão de pagar o quanto pudesse do aluguel. Mas a verdade é que eu não podia pagar muito. Eu trabalhava como designer freelancer para uma empresa que transformava espaços nos terraços em jardins, e só recebia quando havia comissão. Em plena recessão, não tínhamos trabalhos em vista. O que Mark via em mim? Eu suspeitava de que ele desejasse o tipo de vida doméstica tranquila, o que era minha especialidade. Eu não discutia. Não brigava. Seguindo os passos dos meus pais, eu me esforçava para fazer da nossa casa um refúgio do mundo. Mark havia sido casado com uma mulher durante dez anos, terminando em um divórcio amargo. Sua ex-mulher o acusou de ter roubado os melhores anos da vida dela, disse que desperdiçou seu amor com ele e que, agora, aos 30 e poucos anos, não conseguiria encontrar um companheiro de verdade. Mark aceitou a noção de que a culpa era toda dele. Eu não estava convencido de que isso algum dia viesse a passar.

Tinha visto fotos dele aos 20 anos, esbanjando autoconfiança, elegante em ternos caros — ele costumava malhar bastante na academia e tinha os ombros largos, os braços fortes. Ele ia a clubes de striptease e planejava despedidas de solteiro sensacionais para os colegas. Ria de piadas em voz alta e dava tapas nas costas das pessoas. Hoje ele já não ria daquele jeito. Durante o divórcio, seus pais ficaram do lado da ex-esposa. O pai, em particular, ficou desgostoso com Mark. Eles já não se falavam. Sua mãe nos enviava cartões de Natal musicais, como se quisesse dizer algo mais, mas não soubesse bem o quê. Seu pai nunca os assinou. Parte de mim se perguntava se Mark via meus pais como uma segunda chance. Nem é preciso dizer que ele tinha todo o direito de pedir que eles fossem parte de sua vida. A única razão pela qual aceitou esperar foi que, depois de ter demorado tanto tempo para se revelar, ele se sentia incapaz de fazer qualquer exigência quanto a isso. Em algum nível, eu devo ter explorado esse fato. Tirou a pressão de cima de mim. Permitiu que eu rechaçasse a verdade de tempos em tempos.

Sem qualquer trabalho em vista, não existia problema algum em viajar para a Suécia de última hora. Só havia a questão de com que dinheiro comprar a passagem. Mark pagar estava fora de cogitação, pois eu nem sequer tinha dito o nome dele aos meus pais. Usei minhas últimas economias, entrando no cheque especial, e, com a passagem comprada, telefonei para o meu pai informando os detalhes. O primeiro voo disponível partia do Heathrow às nove e meia da manhã seguinte, chegando a Gotemburgo, no sul da Suécia, ao meio-dia. Meu pai disse não mais do que algumas palavras, soando moribundo e derrotado. Preocupado com como ele estaria lidando com isso sozinho na fazenda isolada, perguntei o que ele estava fazendo. Ele respondeu:

- Arrumando. Ela vasculhou cada gaveta, cada armário.
- O que ela estava procurando?
- Eu não sei. Não tem lógica nisso. Daniel, ela escreveu nas paredes.

Perguntei o que ela escreveu. Ele falou:

— Não importa.

Não havia a menor chance de eu dormir aquela noite. Lembranças da minha mãe se repetiam indefinidamente na minha cabeça, fixando-se na época em que estivemos juntos na Suécia, há vinte anos, sozinhos em uma pequena ilha no arquipélago ao norte de Gotemburgo, sentados lado a lado em uma rocha, os pés no mar. À distância, um navio de carga singrava as águas profundas rumo ao oceano, e nós observamos a onda criada pelo casco vir em nossa direção, uma ruga no mar calmo, nenhum dos dois se movendo, tomando as mãos um do outro, esperando o impacto inevitável, a onda aumentando de tamanho enquanto passava pela água rasa até que arrebentou contra a base da rocha, deixando-nos encharcados. Eu retive essa memória porque isso foi mais ou menos na época em que estive mais próximo da minha mãe, quando eu não podia me imaginar tomando uma decisão importante sem consultá-la.

Na manhã seguinte, Mark insistiu em me levar de carro até o Heathrow, embora nós dois soubéssemos que seria mais rápido ir de transporte público. Quando o trânsito estava congestionado eu não reclamei, nem olhei para o relógio, ciente do quanto Mark gostaria de vir comigo e de como eu havia tornado impossível que ele se envolvesse para além desse percurso de carro. Quando desci do carro, ele me abraçou. Para minha surpresa, ele estava prestes a chorar — pude sentir as vibrações contidas em seu peito. Disse que ele não precisava me acompanhar até o portão de embarque, e nos despedimos do lado de fora.

Passagem e passaporte em mãos, eu estava prestes a fazer o check-in quando meu celular tocou:

— Daniel, ela não está aqui!

— Aqui onde, pai?

— No hospital! Eles a liberaram. Ontem eu a trouxe para cá. Ela não teria vindo sozinha. Mas não protestou, foi uma admissão voluntária. Então, assim que eu fui embora, ela convenceu os médicos a liberá-la.

— A mamãe convenceu os médicos? Você disse que eles a diagnosticaram como psicótica.

Meu pai não respondeu. Eu insisti:

— A equipe médica não discutiu a liberação dela com você?

A voz dele diminuiu de volume:

— Ela deve ter pedido para eles não falarem comigo.

— Por que ela faria isso?

— Eu sou uma das pessoas contra as quais ela está fazendo acusações.

Ele logo acrescentou:

— Nada do que ela afirma é real.

Foi minha vez de ficar em silêncio. Eu queria perguntar sobre as acusações, mas não consegui. Sentei sobre a bagagem, a cabeça nas mãos, deixando a fila passar por mim.

— Ela tem celular?

— Destruíu o dela há algumas semanas. Ela não confia neles.

Hesitei diante da imagem de minha mãe frugal destruindo irracionalmente um celular. Meu pai estava descrevendo as ações de uma pessoa que eu não reconhecia.

— Dinheiro?

— Provavelmente um pouco... Ela leva uma bolsa de couro para todo lado. Está sempre de olho nela.

— O que tem dentro?

— Todo tipo de lixo que ela acredita ser importante. Ela chama de provas.

— Como ela saiu do hospital?

— O hospital não quer me dizer nem isso. Ela pode estar em qualquer lugar!

Sentindo pânico pela primeira vez, falei:

— Você e a mamãe têm uma conta conjunta. Você pode ligar para o banco e perguntar sobre as últimas transações. Pode rastreá-la pelo cartão.

Pelo silêncio, pude perceber que meu pai nunca tinha telefonado para o banco: ele sempre deixou as questões financeiras a cargo da minha mãe. Em seu negócio conjunto, ela fazia a contabilidade, pagava as contas e fazia a declaração de impostos anual, dotada de uma aptidão para números e do foco requerido para passar horas reunindo receitas e despesas. Eu podia imaginar seu velho livro de contabilidade, nos dias antes das planilhas eletrônicas. Ela pressionava a caneta com tanta força que os números pareciam braile.

— Pai, veja com o banco e me ligue em seguida.

Enquanto esperava, eu saí da fila e fui para fora do terminal, passando por uma congregação de fumantes, lutando contra a ideia da minha mãe perdida na Suécia. Meu telefone tocou novamente. Fiquei surpreso de que ele tivesse conseguido realizar a tarefa tão depressa, só que não era meu pai:

— Daniel, escute com atenção...

Era minha mãe.

— Estou em um telefone público e não tenho muito crédito. Tenho certeza de que seu pai falou com você. Tudo que esse homem falou para você é mentira. Eu não sou louca. Não preciso de um médico. Preciso da polícia. Estou prestes a tomar um voo para Londres. Me encontre no Heathrow, terminal...

Ela fez uma pausa pela primeira vez, para verificar a informação em seu bilhete. Agarrando a oportunidade, tudo que consegui dizer foi um patético “Mãe!”.

— Daniel, não fale, eu tenho pouco tempo. O avião chega no terminal 1. Estarei aí em duas horas. Se o seu pai ligar, lembre...

A ligação se corta.

Tentei ligar para o telefone público na esperança de que minha mãe atendesse, mas não houve resposta. Quando eu estava prestes a tentar

de novo, meu pai ligou. Sem preâmbulos ele começou a falar, como se estivesse lendo:

— Às sete e vinte da manhã ela gastou 400 libras no aeroporto de Gotemburgo. A empresa foi Scandinavian Airlines. Ela está em tempo de pegar o primeiro voo para Heathrow. Ela está indo até você! Daniel?

— Oi.

Por que eu não contei para ele que minha mãe tinha acabado de ligar e que eu já sabia que ela estava a caminho? Eu acreditava nela? Ela pareceu firme e determinada. Eu esperara um fluxo de consciência, não fatos claros e frases compactas. Eu estava confuso. Parecia agressivo e confrontador repetir suas afirmações de que meu pai era mentiroso. Balbuciei uma resposta:

— Vou esperar por ela aqui. Você vem quando?

— Eu não vou.

— Vai ficar na Suécia?

— Se ela achar que estou na Suécia, vai se tranquilizar. Ela enfiou na cabeça que eu a estou perseguindo. Se eu fico aqui, você ganha tempo. Você precisa convencê-la a buscar ajuda. Eu não posso ajudá-la. Ela não me deixa. Leve-a ao médico. Vai ser mais fácil para você se ela não estiver se preocupando comigo.

Não consegui acompanhar seu raciocínio.

— Eu ligo para você quando ela chegar. Vamos pensar em um plano.

Terminei a conversa com meus pensamentos comprimidos entre duas interpretações. Se minha mãe estava tendo um surto psicótico, por que os médicos a liberaram? Mesmo que eles não pudessem detê-la por uma tecnicidade legal, deveriam ter notificado meu pai, mas se recusaram a fazer isso, tratando-o como uma força hostil, ajudando-a a escapar não só do hospital, mas dele. Para outras pessoas, ela deve parecer bem. Os funcionários da companhia aérea lhe venderam uma passagem, o pessoal da segurança permitiu que ela passasse pela triagem do aeroporto — ninguém a deteve. Comecei a me perguntar o que ela havia escrito nas paredes, incapaz de tirar

da cabeça a imagem que minha mãe tinha me enviado, mostrando o meu pai conversando com um estranho.

Daniel!

Na minha cabeça, começou a soar como um grito de socorro.

O painel foi atualizado; o avião da minha mãe tinha pousado. As portas automáticas se abriram e eu corri para a frente da faixa que delimita a área de desembarque, verificando as etiquetas das bagagens. Logo os passageiros de Gotemburgo começaram a aparecer. Primeiro vieram os executivos à procura das placas de plástico laminado com seus nomes, depois os casais, depois as famílias com montes de malas empilhadas. Não havia nem sinal da minha mãe, embora ela costumasse andar depressa e eu não pudesse imaginar que ela tivesse despachado a bagagem. Um senhor passou vagarosamente por mim, decerto um dos últimos passageiros vindos de Gotemburgo. Pensei seriamente em telefonar para o meu pai, explicando que algo dera errado. Então as portas gigantes se abriram e minha mãe apareceu.

Ela olhava para baixo, como se seguisse uma trilha de migalhas de pão. Havia uma bolsa de couro gasta em seu ombro, abarrotada e forçando a alça. Eu nunca a vira antes: não era o tipo de coisa que minha mãe compraria. Suas roupas, como a bolsa, mostravam sinais de desespero. Havia arranhões em seus sapatos. A calça estava amarrotada em volta dos joelhos. Faltava um botão em sua camisa. Minha mãe tinha uma tendência a se vestir bem demais — elegante para restaurantes, elegante para o teatro, elegante para o trabalho ainda que não houvesse necessidade. Ela e meu pai costumavam ter uma loja de jardinagem no norte de Londres, instalada num terreno em forma de T entre grandes casas brancas de estuque, comprado no início dos anos 1970, quando a terra em Londres era barata. Enquanto meu pai usava jeans rasgados, botas

deformadas e suéteres folgados, fumando cigarros enrolados à mão, minha mãe selecionava camisas brancas engomadas, calças de lã no inverno e de algodão no verão. Os clientes comentavam sobre seu traje de trabalho imaculado, perguntando-se como ela se mantinha tão impecável, considerando que ela fazia o trabalho braçal tanto quanto o meu pai. Ela ria quando eles perguntavam e dava de ombros de modo inocente, como que dizendo: “Não faço ideia!” Mas era calculado. Sempre havia mudas extras de roupa no quarto dos fundos. Ela me dizia que, sendo a cara do negócio, era importante manter as aparências.

Deixei minha mãe passar, curioso para saber se ela me veria. Ela estava visivelmente mais magra do que quando nos despedimos em abril — chegava a parecer doente. Sua calça estava larga e me trazia à memória as roupas em uma marionete de madeira pendendo sem forma. Ela parecia não ter curvas naturais, um boneco de palito feito às pressas em vez de uma pessoa real. Seu cabelo loiro e curto parecia molhado, escovado para trás, alisado e lustroso, não com cera ou com gel, mas com água. Ela deve ter parado em um banheiro depois de sair do avião, fazendo um esforço para ajeitar a aparência de modo que não houvesse um fio de cabelo fora do lugar. De aparência normalmente jovem, seu rosto havia envelhecido nos últimos meses. Como as roupas, sua pele carregava marcas de desespero. Havia manchas escuras nas bochechas. As linhas sob os olhos se tornaram mais pronunciadas. Em contraste, seus olhos azuis aquosos pareciam mais brilhantes do que nunca. Quando contornei a faixa, o instinto me impediu de tocá-la, temendo que ela gritasse.

— Mãe.

Ela levantou os olhos, assustada, mas, ao ver que era eu — seu filho —, sorriu de modo triunfante:

— Daniel.

Ela proferiu meu nome da mesma forma que quando eu a deixava orgulhosa — uma felicidade silenciosa, intensa. Quando nos abraçamos, ela pousou o rosto contra meu peito. Recuando, segurou minhas mãos, e

eu disfarçadamente examinei seus dedos com a ponta do polegar. Sua pele estava áspera. As unhas estavam irregulares e descuidadas. Ela sussurrou:

— Acabou. Estou a salvo.

Logo concluí que ela estava lúcida, pois imediatamente notou minha bagagem:

— Isso é para quê?

— O papai me ligou ontem à noite para contar que você estava no hospital...

Ela me interrompeu:

— Não chame de hospital. Era um hospício. Ele me levou para um manicômio. Falou que esse era o meu lugar, ao lado de pessoas uivando como animais. Então telefonou para você e falou a mesma coisa. Sua mãe está louca. Não foi isso?

Eu demorei para responder, com dificuldade de me ajustar à sua fúria confrontadora:

— Eu estava prestes a viajar para a Suécia quando você me ligou.

— Então você acreditou nele?

— E por que não acreditaria?

— Ele estava contando com isso.

— Me conte o que aconteceu.

— Não aqui. Não com essas pessoas. Precisamos fazer isso direito, desde o começo. Precisa ser feito da maneira certa. Sem perguntas, está bem? Não ainda.

Havia uma formalidade no modo como ela falava, uma polidez excessiva, articulando exageradamente cada sílaba e detendo-se em cada pontuação. Eu concordei:

— Sem perguntas.

Ela apertou minha mão agradecida, suavizando a voz:

— Me leve para casa.

Ela já não tinha uma casa na Inglaterra. Vendeu a sua e se mudou para uma fazenda na Suécia, uma fazenda que deveria ser seu último lar,

o mais feliz. Eu só pude presumir que ela se referia ao meu apartamento, o apartamento de Mark, um homem de quem ela nunca ouvira falar.

Eu já tinha conversado com Mark enquanto esperava o avião aterrissar. Ele ficou alarmado com o desenrolar dos acontecimentos, sobretudo com o fato de que já não existiam médicos supervisionando. Agora era por minha conta. Eu disse a Mark que telefonaria para mantê-lo atualizado. Também havia prometido ligar para o meu pai, mas não havia oportunidade de telefonar com a minha mãe ao meu lado. Eu não me atrevia a deixá-la sozinha e temia que falar abertamente com meu pai me fizesse parecer tomar partido dele, um risco que eu não podia correr; ela poderia começar a desconfiar de mim ou, o que é pior, poderia fugir, uma ideia que nunca teria me ocorrido se meu pai não a houvesse mencionado. Essa possibilidade me apavorava. Enfiei a mão no bolso, silenciando o telefone.

Minha mãe permaneceu ao meu lado enquanto eu comprava passagens de trem para o centro da cidade. Eu me vi inspecionando-a com frequência, sorrindo em uma tentativa de ocultar o fato de que ela estava sob observação cuidadosa. De tempos em tempos ela segurava minha mão, algo que não fazia desde que eu era criança. Minha estratégia foi me comportar da forma mais natural possível, sem fazer conjecturas, pronto para ouvir sua história de coração aberto. Acontece que eu não tinha nenhum histórico de ficar do lado da minha mãe ou do meu pai, simplesmente porque eles nunca tiveram um conflito em que eu precisasse escolher um lado. No geral, eu era mais próximo da minha mãe, mas só porque ela sempre esteve mais envolvida nos detalhes cotidianos da minha vida. Meu pai sempre se contentou em acatar as decisões dela.

Ao subir no trem, minha mãe escolheu assentos no fundo do vagão, aninhando-se contra a janela. Notei que seu assento tinha a melhor visão. Ninguém podia se aproximar sem que ela percebesse. Ela colocou

a bolsa no colo, segurando-a com força — como se fosse a portadora de uma correspondência de vital importância. Perguntei:

— Isso é tudo que você tem?

Ela solenemente deu um tapinha na bolsa:

— Aqui estão as provas de que eu não sou louca. Provas de crimes que estão sendo encobertos.

Essas palavras eram tão apartadas da vida cotidiana que soaram estranhas ao meu ouvido. No entanto, foram pronunciadas com seriedade. Perguntei:

— Posso ver?

— Não aqui.

Ela levou um dedo aos lábios, sinalizando que esse não era um assunto sobre o qual devêssemos conversar em um lugar público. O próprio gesto era peculiar e desnecessário. Embora estivéssemos juntos há mais de trinta minutos, eu não conseguia chegar a uma conclusão sobre seu estado mental. Pensei que saberia imediatamente. Ela estava diferente, tanto fisicamente quanto com relação ao seu caráter. Era impossível saber ao certo se as mudanças eram consequência de uma experiência real ou se essa experiência acontecera totalmente em sua cabeça. Muito dependia do que ela tiraria daquela bolsa — muito dependia de suas evidências.

Quando chegamos à estação Paddington, prontos para desembarcar, minha mãe agarrou meu braço, tomada por um medo vívido e repentino:

— Prometa que vai escutar tudo o que eu disser com a mente aberta. Tudo o que eu peço é uma mente aberta. Prometa que vai fazer isso, foi por isso que eu vim até você. Prometa!

Eu pus minha mão sobre a dela. Ela estava tremendo, morrendo de medo de que eu não estivesse ao seu lado.

— Prometo.

No banco de trás do táxi, nossas mãos se entrelaçaram como as de dois amantes em fuga, e senti o cheiro de seu hálito. Era um odor sutil — metálico. Pensei em aço ralado, se é que existe tal cheiro. Vi que seus

lábios estavam contornados com uma fina linha azul, como que tocados por frio extremo. Minha mãe seguiu meus pensamentos, abrindo a boca e colocando a língua para fora para que eu examinasse. A ponta estava preta, da cor de tinta de polvo. Ela falou:

— Veneno.

Antes que eu pudesse questionar a afirmação desconcertante, ela fez que não com a cabeça e apontou para o motorista, recordando-me de seu desejo de discrição. Eu me perguntei que exames os médicos na Suécia realizaram, que venenos descobriram, se é que descobriram algum. O que é mais importante, eu me perguntei de quem minha mãe suspeitava tê-la envenenado.

O carro parou em frente ao meu prédio, a apenas algumas centenas de metros do lugar onde deixei cair minhas compras na noite anterior. Minha mãe nunca tinha me visitado, contida por meu protesto de que era embaraçoso compartilhar um apartamento com outras pessoas e receber a visita dos meus pais. Não sei por que eles aceitaram uma mentira tão fraca, nem como eu tive estômago de proferi-la. Por enquanto, eu continuaria com a história que criei para mim mesmo, não desejando tirar minha mãe do rumo com revelações sobre minha própria vida. Eu a guiei dentro do apartamento, percebendo tardiamente que qualquer pessoa atenta notaria que havia apenas um quarto em uso. O segundo quarto estava mobiliado como um escritório. Ao destrancar a porta de entrada, corri na frente. Minha mãe sempre tirava os sapatos antes de entrar em uma casa, o que me daria tempo suficiente para fechar as portas do quarto e do escritório. Eu regressei:

— Eu queria ver se tinha mais alguém em casa. Mas está tudo bem, estamos sozinhos.

Minha mãe ficou satisfeita. No entanto, do lado de fora das duas portas fechadas, ela parou. Queria verificar por si mesma. Eu pus o braço em volta dela, conduzindo-a até o andar de cima, e falei:

— Eu juro, somos só nós dois.

Parada na cozinha integrada com a sala de estar, o centro do apartamento de Mark, minha mãe estava fascinada ao ver minha casa pela primeira vez. Mark sempre descrevera seu gosto como minimalista, deixando que a personalidade do apartamento ficasse por conta da vista da cidade. Quando me mudei para lá, quase não havia móveis. Longe de ser estiloso, o apartamento parecia triste e vazio. Mark dormia lá, comia lá, mas não vivia lá. Aos poucos, fui dando sugestões. Seus pertences não precisavam ficar escondidos. As caixas podiam ser desempacotadas. Observei minha mãe identificar minha influência com precisão impressionante. Ela pegou um livro da estante, um que ela tinha me dado de presente. Soltei:

— Eu não sou o dono deste lugar.

Eu mentira durante anos, com facilidade e determinação, mas hoje as mentiras eram dolorosas, como correr com um tornozelo torcido. Minha mãe pegou minha mão e falou:

— Me mostre o jardim.

Mark havia contratado a empresa para a qual trabalho para projetar e plantar um jardim no terraço. Ele afirmou que tinha intenção de fazer isso, mas na verdade foi um favor para mim, uma forma de patrocínio. Meus pais sempre ficaram perplexos com a profissão que escolhi, acreditando que eu faria algo diferente deles. Os dois pararam de estudar aos 16 anos, ao passo que eu frequentei a universidade, só para acabar fazendo a mesma coisa que eles fizeram a vida toda, mais ou menos, exceto que endossado por um diploma e começando com uma dívida de 20 mil libras. Mas eu passei a infância inteira cercado de plantas e flores; herdei dos meus pais o dom de cultivar, e o trabalho, quando pingava, me fazia feliz. Sentado no terraço, olhando para Londres, em meio àquelas plantas, era fácil esquecer que alguma coisa estava errada. Eu queria ficar assim para sempre, tomando sol, agarrando-me ao silêncio. No entanto, percebi que minha mãe não estava interessada no jardim; ela estava examinando o plano do terraço, as saídas de

incêndio, identificando rotas de fuga. Olhou para o relógio, tomada por uma grande impaciência:

— Não temos muito tempo.

Antes de ouvir sua versão dos fatos, ofereci comida. Minha mãe recusou educadamente, querendo prosseguir:

— Há tanta coisa que eu preciso contar a você.

Insisti. Uma verdade incontestável é que ela perdera peso. Incapaz de descobrir quando foi sua última refeição — minha mãe era evasiva sobre o assunto —, comecei a fazer uma vitamina de banana, morango e mel. Ela ficou de pé, estudando o processo:

— Você confia em mim, não confia?

Seus instintos eram de cautela extrema e suspeita exacerbada, permitindo apenas que eu usasse frutas que houvessem passado por sua inspeção. Para provar que a vitamina era segura, tomei um pouco antes de lhe entregar o copo. Ela deu o menor gole possível. Ao perceber que eu a observava, entendeu que este se tornara um teste de seu estado mental. Sua atitude mudou, e ela começou a dar goles grandes e apressados. Ao terminar de beber, declarou:

— Preciso usar o banheiro.

Tive receio de que ela forçasse o vômito, mas não havia como insistir em acompanhá-la.

— Fica no andar de baixo.

Ela saiu da cozinha, agarrando a bolsa que nunca saía do seu lado.

Tirei o celular do bolso e havia umas trinta chamadas perdidas do meu pai. Eu liguei para ele, sussurrando:

— Pai, ela está aqui, está segura. Eu não posso falar...

Ele interrompeu:

— Espere! Você precisa me escutar!

Era arriscado falar com ele desse jeito, e eu temia ser pego. Eu me virei, pretendendo ir em direção à escada para que pudesse ouvir

quando minha mãe estivesse voltando. Mas ela já estava lá, ao pé da escada, me observando. Ela não poderia ter ido ao banheiro tão depressa. Deve ter mentido, bolando um teste, para ver como eu usaria esse tempo. Se foi um teste, eu não passei. Ela olhava para mim de uma forma como eu nunca tinha visto. Eu já não era seu filho, mas uma ameaça — um inimigo.

Eu estava preso entre os dois. Minha mãe falou:

— É ele, não é?

A formalidade se fora — ela era acusatória e agressiva. Meu pai ouviu sua voz ao fundo:

— Ela está aí?

Não pude me mover, paralisado pela indecisão, o fone contra o ouvido — os olhos em minha mãe. Meu pai falou:

— Daniel, ela pode ficar violenta.

Ouvindo meu pai dizer isso, fiz que não com a cabeça — não, eu não acreditava nisso. Minha mãe nunca machucara alguém em toda a sua vida. Meu pai estava enganado. Ou estava mentindo. Minha mãe deu um passo à frente, apontando para o telefone:

— Diga mais uma palavra para ele e eu vou embora.

Com a voz do meu pai ainda audível, desliguei o celular.

Como se estivesse entregando uma arma, ofereci o telefone à minha mãe. Minha voz falhou quando tratei de me defender:

— Eu prometi ligar para o papai quando você chegasse. Só para avisar que você estava fora de perigo. Assim como prometi escutar você. Por favor, mãe, vamos sentar. Você queria me contar sua história. Eu quero ouvir.

— Os médicos me examinaram. Ele contou isso a você? Eles me examinaram, ouviram minha história e me deixaram ir. Os profissionais acreditaram em mim. Não acreditaram nele.

Ela deu um passo em minha direção, oferecendo a bolsa — suas evidências. Tendo uma segunda chance, eu a encontrei no meio da sala,

apoderando-me da bolsa de couro rachada. Minha mãe precisou de força de vontade para soltá-la. Fiquei surpreso ao sentir como a bolsa era pesada. Quando a coloquei sobre a mesa de jantar, meu pai ligou outra vez, sua imagem aparecendo na tela. Minha mãe viu o rosto dele:

— Você pode atender o telefone. Ou abrir a bolsa.

Ignorando o celular, coloquei uma mão sobre a bolsa, pressionando para soltar a fivela, o couro rangendo quando ergui a aba e olhei dentro.

* * *

MINHA MÃE PROCUROU DENTRO DA BOLSA, tirando dela um pequeno espelho compacto, mostrando meu reflexo como se fosse a primeira evidência. Eu parecia cansado, mas minha mãe fez uma observação diferente.

Você está com medo de mim, eu percebo. Eu conheço o seu rosto melhor do que o meu e, se isso parece um exagero sentimental estúpido, pense em quantas vezes eu enxuguei suas lágrimas ou observei seu sorriso. Daniel, em todos esses anos você nunca me olhou desse jeito...

Veja por si mesmo!

Mas eu não devo ficar chateada. Não é sua culpa. Eu fui enquadrada, não como criminosa, mas como psicótica. Seu instinto é ficar ao lado do seu pai. Não há por que negar isso, precisamos ser honestos um com o outro. Em vários momentos eu peguei você olhando para mim de um jeito nervoso. Meus inimigos declaram que eu sou um perigo para mim mesma e para os outros, um perigo até mesmo para você, meu filho. Como são inescrupulosos, vandalizando a relação mais preciosa da minha vida, preparados para fazer qualquer coisa para me deter.

Devo lembrar que a alegação de ser mentalmente incapaz é um método testado e aprovado de silenciar mulheres há séculos, uma arma para nos desacreditar quando lutamos contra abusos e desafiamos as autoridades. Dito isso, reconheço que minha aparência é

alarmante. Meus braços estão magérrimos, minhas roupas, surradas, minhas unhas, lascadas e meu hálito está ruim. Passei a vida toda me esforçando para estar apresentável, e hoje você me olhou da cabeça aos pés no aeroporto e pensou:

“Ela está doente!”

Errado. Estou pensando com mais clareza do que nunca.

De vez em quando você talvez ache minha voz estranha. Talvez pense que não falo como antes. Mas você não pode esperar que eu fale com a tranquilidade cotidiana quando há consequências tão sérias se eu for incapaz de convencê-lo. Também não pode esperar que eu pule para os incidentes mais alarmantes e conte em poucas palavras o que está acontecendo. Se eu resumir, você vai ficar estarecido. Vai balançar a cabeça e revirar os olhos. Um resumo não serve. Você vai ouvir palavras como “assassinato” e “conspiração” e não vai aceitá-las. Em vez disso, preciso apresentar os detalhes um por um. Você precisa ver como as peças se encaixam. Sem a imagem completa, você vai achar que eu sou louca. Vai, sim. Vai me levar para um hospício em um edifício vitoriano em alguma esquina esquecida de Londres e dizer aos médicos que estou doente da cabeça. Como se eu fosse uma criminoso, como se eu fosse a pessoa que fez coisas horríveis, eles vão me prender até que eu esteja tão desesperada para ser solta, tão entorpecida pelos medicamentos que vou acreditar que tudo o que estou prestes a contar para você é mentira. Tendo em mente o poder que você tem sobre mim, eu deveria estar com medo de você. E olhe para mim, Daniel, olhe para mim! Eu estou com medo.

* * *

NÃO PARECIA UM DISCURSO COMUM, era mais como palavras desatadas. As frases estancadas na cabeça da minha mãe saíam confusas, rápidas, mas nunca descontroladas. Ela tinha razão: ela não falava como antes — sua voz estava elevada, tão estranha quanto impressionante. Às vezes ela soava julgadora, outras, íntima. Não falou dessa forma no aeroporto nem durante a viagem de trem para casa. Era diferente de tudo que já a ouvi dizer, em termos de energia e quantidade ininterrupta. Era mais uma performance do que uma conversa. Minha mãe estava mesmo com medo de mim? Suas mãos certamente tremiam quando ela colocou o espelho sobre a mesa, e não de volta na bolsa, sinalizando que procederia com o conteúdo, um por um. Em algum nível, eu devia estar esperando que fosse possível encontrar uma solução simples nesta sala, entre nós dois, sem envolver médicos ou detetives — um final tranquilo, uma aterrissagem suave e um retorno gentil às nossas vidas tal como haviam sido. No entanto, seus ânimos estavam tão agitados que ou minha mãe estava muito doente ou algo realmente terrível tinha acontecido na Suécia para provocá-los.

Grande parte depende de você acreditar em mim, mais do que é justo esperar de você. Eu admito que com tanta coisa em risco é tentador explorar nossa relação e brincar com suas emoções. Mas vou resistir, porque meu caso precisa se sustentar por si mesmo, corroborado por fatos, e não apoiado em sua devoção a mim. Por

essa razão, você não deve pensar em mim como sua mãe, mas como Tilde, a acusadora.

Não se deixe abalar! Seja objetivo. Este é seu único dever hoje.

O tempo todo você estará se perguntando como Chris, um homem bom e gentil, um pai excelente para você, pode estar no centro de tais alegações tão sérias? Considere isso. Há uma fraqueza em seu caráter que outras pessoas podem manipular. Ele prefere acordos a conflitos. Ele se rende facilmente. É suscetível a opiniões contundentes. E tem desejos como todo mundo. Eu acredito que ele foi enganado, manipulado por um homem em particular — um vilão.

* * *

MEU PAI ERA UM HOMEM QUE podia nomear cada planta e flor, um homem que nunca levantava a voz, um homem que amava perambular pelas florestas — alegações de má conduta não se aplicam a ele facilmente. Minha mãe percebeu minha hesitação e reagiu com sensibilidade impressionante:

Você desconfia dessa palavra?

Vilão.

Acha que parece irreal?

Os vilões são reais. Eles estão entre nós. Você pode encontrá-los em qualquer rua, em qualquer comunidade, em qualquer casa — ou em qualquer fazenda.

O que é um vilão? São pessoas que não se detêm diante de nada ao ir atrás de seus desejos. Não conheço outra palavra para descrever o homem que tenho em mente.

Nesta bolsa estão algumas das evidências que reuni durante o verão. Havia outras, mas isso foi tudo o que eu consegui trazer da Suécia às pressas. Faz sentido examinar cada uma delas em ordem cronológica, começando com esta...

* * *

DO BOLSO DA FRENTE DA BOLSA, minha mãe tirou uma agenda Filofax preta com encadernação de couro, do tipo que era popular há vinte anos. Continha papéis, fotografias e recortes de jornal.

Originalmente concebida para ser um lugar onde anotar meus pensamentos, esta acabou sendo minha aquisição mais importante. Folheando, você pode ver que fiz cada vez mais anotações à medida que os meses se passaram. Veja as páginas em abril, quando cheguei à fazenda. Elas contêm apenas anotações ocasionais. Compare com as de julho, três meses depois, em que escrevi em cada uma das linhas com caligrafia apertada. Este caderno foi uma forma de tentar entender o que estava acontecendo à minha volta. Tornou-se meu companheiro, um parceiro na minha investigação. Não importa o que os outros digam, aqui estão os fatos anotados no momento em que os eventos aconteceram, ou no máximo algumas horas depois. Se fosse possível analisar a idade da tinta, a ciência forense confirmaria minha afirmação.

De tempos em tempos, vou fazer uma pausa e consultar essas notas a fim de evitar qualquer erro. Não vou me permitir nenhuma licença poética. Se eu for incapaz de me lembrar de um detalhe específico e se isso não estiver anotado, não vou tentar preencher as lacunas. Você precisa acreditar que cada palavra que eu digo é verdade. Até mesmo um floreio descritivo inofensivo é inaceitável. Por exemplo, não vou afirmar que havia pássaros cantando nas copas

das árvores a não ser que tenha certeza disso. Se você suspeitar que estou embelezando em vez de apresentando os fatos essenciais do que realmente aconteceu, minha credibilidade será afetada.

Por fim, devo acrescentar que eu faria qualquer coisa para que os problemas desses últimos meses existissem unicamente na minha cabeça. Meu Deus, essa explicação seria fácil. O horror de um hospício e a humilhação de ser tachada de fantasista seriam um preço pequeno a se pagar se significassem que os crimes que estou prestes a descrever nunca aconteceram.

* * *